

FILOSOFIA E CORPOREIDADE: REFLEXÕES SOBRE A CAPOEIRA

Recebido em: 18/10/2013

Aceito em: 03/05/2014

*Luiz Carlos Vieira Tavares*¹
Instituto Federal de Sergipe
Aracaju – SE – Brasil

*Cicero Cunha Bezerra*²
Universidade Federal de Sergipe
Aracaju – SE – Brasil

*Luís Carlos Lira*³
Universidade Federal de Juiz de Fora,
Juiz de Fora – MG – Brasil

*Tânia Mara Vieira Sampaio*⁴
Universidade Católica de Brasília
Brasília – DF – Brasil

RESUMO: Este trabalho tem como finalidade refletir, a partir da relação entre corpo e movimento, o papel que a Capoeira desempenha para a conscientização do corpo como, por um lado, expressão de práticas culturais que definem o presente e apontam para o futuro e, por outro, como organismo integrado, vivo e radicalmente contrário ao modelo midiático-estético baseado na força e na musculatura. Para tanto, utilizamos como marco referencial as reflexões oriundas da filosofia e da Educação física visando, com isso, uma visão ampla do corpo e de suas relações na Capoeira.

PALAVRAS CHAVE: Filosofia. Esportes. Atividades de Lazer.

PHILOSOPHY AND EMBODIMENT: REFLECTIONS ABOUT THE CAPOEIRA

ABSTRACT: This paper aims at reflecting, from the relation between body and movement, the role played by the Capoeira for awareness of the body as, on one hand, expression of cultural practices that define the present and point to the future and,

¹ Mestre em Educação Física, Doutorando do Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Educação Física da Universidade Católica de Brasília (UCB-DF).

² Doutor em Filosofia, Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

³ Mestre em Educação, Doutorando do Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Educação Física da Universidade Católica de Brasília (UCB-DF).

⁴ Doutora em Ciências Sociais e Religião, Professora do Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Educação Física da Universidade Católica de Brasília (UCB-DF).

secondly, as integrated organism, alive and radically contrary to media-aesthetic model based on the strength and musculature. Thus, we used as a reference point the reflections coming from the Philosophy and Physical Education aiming, therefore, a broad view of the body and its relations in the Capoeira.

KEYWORDS: Philosophy. Sports. Leisure Activities.

Introdução

Um dos fatos incontestes na relação entre esporte e corpo é, sem nenhuma dúvida, o papel da “moda” como expressão máxima de uma visão capitalista da vida. Como muito bem observa Lucia Santaella, o capitalismo só pode se preservar graças à aceleração e “*volubilidade de sua produção*” (2004, p.8). Temos nessa afirmação dois conceitos importantes para o tema aqui abordado: “*volubilidade e produção*”. O primeiro define o ritmo, marca os passos e estabelece o transitório como *têlos*, isto é, como o seu *fim* mais próprio. O segundo é o próprio fim, ou seja, a conversão do fazer humano em uma relação de consumo na qual homem e produto já não se diferencia.

Na coisificação acelerada da vida, corpo e discurso, são subjugados a uma lógica que Michel Foucault definiu a partir da relação entre “*desejo e poder*” (1996, p.10). Diríamos que na lógica do discurso sobre o corpo há sempre um modelo e, nesse sentido, uma concepção política que o define. O que isso tem a ver com o objeto deste trabalho?

A prática da capoeira, nosso objeto de pesquisa, tem sofrido os impactos de uma visão de mundo marcada pela suplantação da memória e daquilo que Michel de Certeau (1994) alude como sendo central nas relações presentes nos *jogos*, ou seja, os “*repertórios de esquema de ações*” (p.74). O que isto quer dizer? Segundo o historiador, no “jogo”, no sentido dado por ele a uma sabedoria que, no Brasil, se definiria como *trampolinagem*, isto é, como um modo de resistência de uma minoria

frente a uma rede de forças e de representações estabelecidas, na qual situamos a capoeira, se manifestam as representações de prática cotidianas que subvertem as relações de força.

Contrariamente a esse espírito originário da prática da capoeira, no atual cenário é evidente, entre os seus jogadores ao se referirem aos seus corpos, a presença de metáforas de um *corpo forte e potente* que precisa constantemente estar “puxando ferro” fazendo uso de anabolizantes. Seu intuito seria o de projetar uma imagem do “bad capoeira” que intima e intimida os demais corpos no jogo. Alguns trechos de músicas de capoeira são expressões desse modelo que começa a predominar:

*Agora é moda camarada,
agora é moda, do capoeira
só entrar para agarrar
Mas virou moda,
capoeira puxar peso,
diz que é para perder o medo
e também intimidar...*
(MESTRE LUCAS E ADAILTO)

Ou ainda:

*Você que é forte,
e só pensa em pegar peso,
quero ver entrar na roda
e mostrar que é mandingueiro.*
(MESTRE BURGUEÊS)

Como se pode perceber, há uma clara *provocação* nas letras das músicas, ou seja, uma convocação para o debate sobre o sentido que o corpo assume no jogo. Entre o *pegar peso* e a *mandinga* estão à diferença entre os modelo tradicional e a prática disseminada, em grande parte das academias de capoeira atuais. Uma prática que radicaliza, para usar uma expressão de Courtine (1995), a imagem do corpo *músculo-espetáculo* sustentado por um “mercado de massas” (p.82). Movidos por um narcisismo derivado de uma sociedade midiática que desconsidera o corpo como “*fronteira identitária*” (BRETON, 2003, p.123) e o lança, cada dia mais, em padrões de beleza

que se confundem com as marcas que lhes patrocinam, alguns participantes enxergam, na capoeira, um meio de socialização, no entanto, desconsiderando que “[...] a liberdade se define pelo corpo e este por sua potencialidade” (SERRES, 2004, p.52).

Potencialidade compreendida como liberdade em sentido mais amplo, isto é, como possibilidade de disposição das suas capacidades (SERRES, 2004). O corpo é movimento e, enquanto tal funda, no espaço lúdico da capoeira, um universo cultural e sócio-político que converte jogadores e espectadores, corpos lúdicos atentos à pulsação do ritmo, em coparticipantes de um mesmo organismo corporalmente vivo.

Metodologia

Caracterizamos o nosso estudo a partir da abordagem fenomenológico-hermenêutica (GAMBOA, 2010), onde, “[...] geralmente expressa interesse específico na denúncia e no desvelamento das ideologias subjacentes. Propõe decifrar e revelar os pressupostos implícitos nos discursos, textos e comunicações” (FARIA JUNIOR, 1992, p.24). E, utilizamos a estratégia da pesquisa filosófica que “[...] busca a compreensão geral dos valores e da realidade da Educação física através, principalmente, de meios especulativos” (FARIA JUNIOR, 1992, p.28).

1. Corpo lúdico x corpo objeto

A análise das transformações sociais na vida do ser humano torna crível que os apelos do corpo não estão sendo ouvidos, fortalecendo assim a manutenção do corpo-máquina, corpo-objeto (mercadoria), numa verdadeira concepção instrumentalizada. Couto ajuda nessa reflexão afirmando que:

A exaltação ao corpo, apregoada na mídia e referendada na publicidade, também tem a sua ambigüidade e parece dela alimentar-se. As facilidades na conquista das mutações físicas convivem com as insatisfações e os prazeres provisórios, duramente conquistados em métodos a todo instante superado e segundo padrões físicos ideais frívolos (COUTO, 2000, p. 136).

A divulgação do modelo de corpo determinada pela mídia impõe e idealiza imagens as quais geram uma corrida atroz em busca das técnicas de reconstrução e/ou transformação do corpo. Sobre essa nova visão do corpo, dois autores nos são de fundamental importância e aqui os citamos:

Os clamores são por atenção, mas também por resposta. Nosso mundo-mediado está rapidamente se inundando com mensagens e clamores a ser ouvidos; um excesso de informação, de prazeres, de persuasões, para comprar, votar, escutar, outdoors, rádio, televisão, revistas e jornais, a world-wide-web, todos se acotovelando por espaço, tempo e visibilidade: para capturar um momento, tocar um nervo, provocar um pensamento, um julgamento, um sorriso, um dólar (SILVERSTONE, 2002, p. 60).

No que se refere à construção do homem-perfeito, Santin afirma que:

No universo destas corporeidades inventadas, seja sob o ponto de vista cultural ou biológico, pode-se concluir que ambas são corporeidades divergentes da ordem natural. No caso da corporeidade cultural fica claro que não há preocupação com o sistema vigente, mas, por exemplo, com um modelo de beleza vigente. No que se refere as corporeidades geneticamente desenhadas, provavelmente não é o valor da vida que interessa, mas uma ideologia racista, eugenista ou econômica (SANTIN, 2000, p.14).

Valorizar o corpo na perspectiva de utensílio, não é o objetivo precípuo da capoeira, visto que no jogo da capoeira a linguagem corporal é híbrida. A função de vozes, ladainhas, corridas, quadras, instrumentos e rodopios é transformar a capoeira em um momento de prazer. No entanto, a mesma tem sido objeto de comercialização. A capoeira hoje, em algumas situações, influenciada pelos novos moldes culturais, esqueceu-se do *corpo feliz* dando lugar ao *corpo-objeto*. Acerca do papel da mídia nessa dissociação, Couto ressalta que:

Os conselhos dietéticos, estéticos, desportivos, eróticos, psicológicos e musculares são esmiuçados na total manifestação narcísica desta era que preza pelos discursos, multiplica as imagens e as informações e promove a responsabilidade individual da gestão integral de si mesmo. O corpo como espetáculo se converte simultaneamente em causa e efeito de comunicação. Nela está a garantia de que cada um tem o direito de dispor do seu físico, corrigir as imperfeições ou insatisfações, intensificar a potência (COUTO, 2001, p. 37).

Um bom exemplo desse processo é a forma como a capoeira vem sendo organizada. Ribeiro, em carta enviada ao, na época, Ministro da Cultura Gilberto Gil, nos chama atenção dizendo que:

Temos que tomar cuidado, pois, de repente, o Brasil estará fazendo um programa “de fora para dentro”, ou seja, do Exterior para o Brasil. Saltam aos olhos os riscos e as distorções que poderão surgir desta estratégia. Além de verbas públicas aplicadas de maneira pouco democrática [...] Outro ponto que deve ser levado em consideração é que existem diversas realidades em nossa capoeira. Uma delas está calcada em estruturas de Mega-Grupos, nos quais o grande objetivo – sejamos francos – é a massificação robotizante da capoeira enquanto esporte e o lucro crescente dos mestres-gerentes destes grupos (RIBEIRO apud TAVARES, 2006, p.35).

Assim com a criação de grupos, associações, federações nacionais e internacionais, em diversos países do mundo como, por exemplo: EUA, China, Japão, França, Alemanha, Inglaterra, a capoeira corre o risco de ser mais uma fatia do processo de mercantilização. Queijadinha d’Angola nos chama a atenção:

[...] sim por certo, numa sociedade que se torna cada dia mais neurótica com os valores estereotipados, ditados de fora, baseados no “controle de qualidade”, “produção em série”, “franquia”, “know-how”, “subsistemas”, “O & M”, em favor das Fords, GMs, Pakalolos, McDonalds da vida, isso até que faz sentido! No entanto, creio eu, não precisamos e nem queremos, na Capoeira, os “McBimbas”, “Pastinhas-Plus”, Waldemares do Brasil”, “Anjos de Angol & Corporations”. Não queremos um “Capoeirista Brastemp”, um “Birimbau Yamaha”, uma “Ginga n’Roll”, um doublé esse”, uma “back-banda” etc. etc. não é? (D’ANGOLA, 1994, p.42).

Nesse sentido, um olhar criterioso para que possamos perceber de que forma esse elemento da cultura brasileira vem sendo concebido no âmbito nacional e internacional é de suma importância. Isto porque a capoeira não pode ser encarada como uma simples prática esportiva e, ou simples complemento da educação formal, meramente técnica, acabada, dissociada de sua trajetória histórica e suas raízes. Se o culto da aparência conduz ao mercado e ao apagamento das diferenças sob uma ótica da planificação, é preciso, como observa Sampaio, aos que se dedicam ao estudo e a

prática da capoeira manter ativa a reflexão sobre um modelo que a cada dia se consolida como “*negação da autonomia dos indivíduos*” (SAMPAIO, 2002, p. 97). Nesse contexto, a capoeira não está livre de uma “descaracterização”. A prova contundente do que estamos aqui dizendo, constatamos, em grande medida, nos modelos atuais de rodas e batizados, baseados em uma linguagem completamente estranha, ainda que contemporânea, à tradição da capoeira tais como: “workshop”, “capoeira-fest”, entre outros modismos que contribuem sobremaneira para um processo de aculturação.

Como consequência de uma prática que busca, por um lado, a inserção social pela descaracterização cultural e, por outro, a imagem de um corpo “sarado”, às rodas se somam às academias de musculação. Na luta pelo mercado, os patrocinadores desempenham uma tarefa central. Estampas com lemas agressivos tais como “Bad Boy”, em português, “Garoto Mau” dão o tom e forjam uma pseudofilosofia do corpo saudável. Sobre essa nova realidade afirma Silva(2002):

Tratando-se de ferocidade, o outro exemplo que podemos citar associa diretamente a capoeira com atitudes agressivas. A marca concorrente da Bad Boy, e que também patrocina atletas capoeiristas, tem como símbolo o desenho estereotipado de um cão da raça Pit-bull. Esta raça notadamente, é associada à agressividade. Daí, nada mais de acordo com a lógica do mercado do que o anúncio desta grife exaltar a agressividade, marca indelével dos Pit-bulls, numa roda de capoeira (momento privilegiado de expressão desta manifestação), sendo que o desenho de todos os componentes possui corpos de pessoas e rostos de cães da referida raça (p. 18).

A associação da capoeira ao marketing e à violência desenfreada nos faz ver que seus praticantes emprestam seus corpos à representação de objetos que manifestam agressividade. Essa reprodução da capoeira redimensiona o seu sentido cultural e histórico. Por entender a cultura como algo dinâmico torna-se compreensíveis as modificações no que tange a capoeira. Contudo, é fundamental estabelecer o questionamento e a problematização dessa apropriação que se vê crescente da capoeira

pela lógica capitalista de mercado globalizado, na qual os interesses primeiros estão voltados para a indústria cultural, expropriando-a de seu lugar e sentido de origem.

2. O Corpo como movimento

Michel Serres (2004) em seu livro *Variações sobre o corpo* chama atenção para um fato que nos parece de grande importância como contraponto ao que vimos expondo até o presente momento. Segundo ele, nossos *corpos são explicados pelas máquinas que já produziram* (SERRES, 2004, p. 113). Como compreender melhor essa afirmação? O exemplo utilizado pelo filósofo é bastante significativo e, ao mesmo tempo, simples: andar de bicicleta. Essa atividade tão comum e integrada aos dias atuais revela, no entanto, um aspecto pouco pensado quando se aborda a relação entre o corpo e os aparelhos técnicos por ele produzidos. É comum encontrarmos críticas ferozes ao projeto moderno de mecanização da vida, mas também é preciso refletir em que medida esses mesmos aparelhos nos ajudam a pensar melhor e a sentir o corpo a partir de uma relação de aprendizagem imposta pelo próprio aparato.

Nas palavras de Michel Serres(2004), a *aprendizagem inverte a aparelhagem*. Com isso temos uma reeducação e uma conscientização do corpo, diz ele: “Aprender a andar de bicicleta consiste em sentir as pernas integradas a ela por meio dos aros das rodas e dos pedais e também saber que jamais andamos ou corremos a não ser por causa delas” (SERRES,2004,p. 113).

De modo que ao contrário de uma subjugação à lógica do instrumento, o corpo pode se redescobrir, ou melhor, se subjetivar na objetivação de si mesmo nos objetos criados. Para uma melhor compreensão é preciso saber que as noções de subjetivação e objetivação utilizadas por Serres têm sentidos específicos, ou seja, para o filósofo,

subjetivação é a capacidade que o homem tem de transubstanciar-se em objetos, assim como, objetos em sujeitos. Diz ele: “*o corpo faz o corpo e o corpo faz o mundo*” (SERRES, 2004, p. 116). Nesta interação entre corpo e mundo a educação tem um papel decisivo. Voltamos, com isso, ao tema da capoeira. Segundo a análise de Serres, um ensino que não seja capaz de revelar essa dupla faceta de subjetivação e objetivação está fadada a ser mera reprodutora de fórmulas. O corpo ganha sentido, não na consciência reflexiva ao modo da tradição moderna, mas na interação orgânica de suas atividades. Outro belo exemplo é ilustrador para o que estamos aqui apresentando:

Em contrapartida, quando as mãos se agarram à rocha até sagrarem, quando o peito, o ventre, as pernas e o sexo ficam paralelos à parede, quando em conjunto as costas, os músculos, os sistemas nervoso, digestivo e simpático participam sem reservas da abordagem física do relevo, em uma relação de luta aparente e de sedução real, do mesmo modo a pedra ao ser tocada perde sua dureza e, amada, ganha uma surpreendente doçura (SERRES, 2004, p. 14).

Esse é o poder de transubstanciação aludido acima, isto é, o de transformar o paredão de uma rocha em doçura. Estamos diante de uma visão orgânica do corpo em perfeita sintonia com o ambiente que o cerca. Na escalada de uma montanha ou na capoeira o corpo unifica os sentidos e no jogo já não há dois corpos, mas um só movimento.

Considerações finais

A partir do que foi dito torna-se imprescindível a necessidade de olharmos para a capoeira como manifestação da cultura popular brasileira, em contraposição à lógica da indústria cultural. Nesse sentido, urge uma rediscussão em que o corpo não enfatize somente a interpretação de um código convencionado que se faz presente nas regras do jogo, mas sim na redimensionalização das suas qualidades, valorizando o

conhecimento histórico da corporeidade e reconhecendo, dessa forma, o potencial cultural que os praticantes trazem da sua vida diária.

Vale a ressalva de que não é nossa intenção negar a evolução (se é que a agressividade proposta possa ser pensada como evolução) da capoeira, na atualidade, no que concerne à possibilidade dela compor as modalidades esportivas, mas sim chamar a atenção para o modo como a capoeira, enquanto manifestação artística e cultural vem sendo encarada por vários segmentos da sociedade, sob o risco de ser expropriada de suas melhores contribuições para conceber-se o ser humano como ser integral⁵.

A Educação Física tem como desafio resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, não a desconectando do movimento cultural e político do qual foi gerada e seu processo de enraizamento e transformações ao longo do tempo. Nesse sentido, a capoeira apresenta-se como a possibilidade para o exercício lúdico, a expressão humana, o movimentar-se, o prazer, a dança, a música, a brincadeira, a improvisação, o ritmo corpóreo e, sobretudo, a festa.

Por essa razão, se faz necessário resgatar a cultura e a história da capoeira para que possamos compreender o corpo e suas transformações socioculturais. Nesse contexto, a categoria corporeidade pode ser extremamente relevante para compreender o universo de representações humanas que abarca a capoeira, isto é, sua riqueza cognitiva pelo que estimula no ser humano, em todos os sentidos: musicalidade, batuque, jogo e filosofia de vida, num ritual coletivo. Pensar o ser humano como corpo vivo, vivendo e

⁵ Medina é pontual no que diz respeito ao papel da formação esportiva associada ao desenvolvimento integral e humano do indivíduo, diz ele: [...] as chamadas ciências do esporte geram um conhecimento progressivamente mais detalhado e elaborado a respeito de seus diferentes meandros, ao mesmo tempo em que nos afastam da melhor compreensão de suas dimensões genuinamente humanas. Produzimos, às vezes, atletas espetaculares sem nos darmos conta do processo de desumanização que envolve os rituais para sua produção (MEDINA, 2000, p. 145).

traduzindo-se em muitos sentidos durante o jogo, a brincadeira representada e sentida, vivificada no atuar, no praticar a arte da capoeira, continua sendo nosso maior desafio.

REFERÊNCIAS

- BRETON, D. L. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociologia. Campinas: Papirus, 2003.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.
- COURTINE, J.J. Os stakhanovistas do narcisismo In: Bernuzzi, D.S (Org.). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Edição Liberdade, 1995. p.81-114.
- COUTO, E. S. **O homem satélite**: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica. Ijuí: editora Unijuí, 2000.
- _____. Gille Lipovetsky: Estética Corporal e Protecionismo Técnico nas Culturas Higienista e Desportiva. In: GRANDO, J. C. (Org.) **A (dês) Construção do corpo**. Blumenau: EDIFURB, 2001. p. 35-59.
- D'ANGOLA, Q. Zum! Zum! Zum! Cordão de ouro? In: NEGAÇA, **Programa Nacional de Capoeira** – CIDOCA. Brasília-DF, 1994. v. 2.
- FARIA JUNIOR, A.G. Pesquisa em educação física: enfoques e paradigmas In: FARIA JUNIOR, A. G.; FARINATTI, P. T. V. (Org.). **Pesquisa e produção do conhecimento em educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992. v. 1, p.13-33.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- GAMBOA, S.A.C. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto IN: FAZENDA, I. (Org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. 12.ed.São Paulo: Cortez, 2010. p. 101-130.
- MEDINA, J. P. S. Reflexões sobre a Fragmentação do Saber Esportivo. In: MOREIRA, W.W.(Org.). **Educação Física**: perspectivas para o século XXI. 4. ed. Campinas: Papirus, 2000. p. 141-158
- SAMPAIO, T. M. V. Avançar sobre possibilidades: horizontes de uma reflexão ecoepistêmica para redimensionar o debate sobre o esporte. In: MOREIRA, W. W; SIMÕES, R. (Org.). **O esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Editora Unimep, 2002. v. 1, p.85-100.
- SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação, sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004

SANTIN, S. Corporeidade e Educação Motora: Confluências e Divergências. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO, 2, CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MOTORA, 3, 2000. **Anais...** Natal: Novembro, 2000.

SERRES, M. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SILVA, P. C. C. **A educação física na roda de capoeira: entre a tradição e a globalização**. Dissertação (Mestrado) - Campinas, Unicamp, 2002.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

TAVARES, L.C.V. **O corpo que ginga, joga e luta: a corporeidade na capoeira**. Salvador: Fundação Cultural da Bahia, 2006.

Endereço dos Autores:

Luiz Carlos Vieira Tavares
Rua Ribeirópolis, nº 786
Bairro Cirurgia
Aracaju – SE – 49052-360
Endereço Eletrônico: luiscarloslira@hotmail.com

Tânia Mara Vieira Sampaio
Universidade Católica de Brasília - UCB
QS 07 Lote 01 EPCT - Bloco G Sala G 119 - Águas Claras
Taguatinga – DF – 71966-700
Endereço Eletrônico: tsampaio@ucb.br